

DIÁLOGO ENTRE FREIRE E LÉVINAS COMO ESTRATÉGIA DE RESPONSABILIDADE E RESPEITO AO OUTRO NA EDUCAÇÃO

Ben-Hesed dos Santos ☎ 0000-0002-3901-8297

Me. Elaine França Holanda Garcia ☎ 0000-0001-5743-9901

Dra. Luzia Batista de Oliveira Silva ☎ 0000-0003-4880-7199

Universidade São Francisco

RESUMO: O artigo objetiva analisar, no campo da filosofia e da educação, o diálogo como uma estratégia de responsabilidade e respeito ao saber do outro, docentes e discentes. Para fundamentar a discussão, recorreu-se às contribuições filosóficas de Emmanuel Lévinas, nas obras em que a palavra pode ser entendida como a origem da significação dos instrumentos das obras humanas, porque, é mediante a origem da significação que o sistema de reenvio reduz toda significação que recebe o princípio do seu fundamento, a sua chave, que nos aproxima da obra do filósofo e educador Paulo Freire e das contribuições ao campo da educação. Em Paulo Freire, a concepção de diálogo aparece não só como um encontro de dois sujeitos que buscam o significado das coisas - o saber - mas, também, como um encontro que se realiza na *práxis* - ação-reflexão, no engajamento, no compromisso com a transformação social. E partir daí, conceber o diálogo como uma estratégia fundamentada na outreidade enquanto fundamento da justiça e da ética ou, dito de outra maneira, como fundamento ético reconhecendo-o como princípio-fundamento da própria Filosofia, entendida a partir da responsabilidade fraterna face a face, ou seja, a capacidade de realização da justiça e da humanidade fraternal. O diálogo propicia o encontro do Mesmo com o Outro no qual o Mesmo não se reduz ao Outro, à mesmidade, mas, ao contrário, ouve sua fala, diz sua fala. Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há o amor que a infunde, assevera Freire. Sendo fundamento do diálogo, o amor ao Outro é diálogo consigo, com o outro e com o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Diálogo; Rosto; Ética.

DIALOGUE BETWEEN FREIRE AND LÉVINAS AS A STRATEGY OF RESPONSIBILITY AND RESPECT FOR THE OTHER IN EDUCATION

ABSTRACT: The article aims to analyze, in the field of philosophy and education, dialogue as a strategy of responsibility and respect for the knowledge of the other, either teachers or students. To support the discussion, we resorted to the philosophical contributions of Emmanuel Lévinas, in the works in which the word can be understood as the origin of the meaning of the instruments of human works, because it is through the origin of the meaning that the renvoi system reduces all meaning that receives the principle of its foundation, its key, which brings us closer to the work of the philosopher and educator Paulo Freire and his contributions to the field of education. In Paulo Freire, the conception of dialogue appears not only as a meeting of two subjects who seek the meaning of things - knowledge - but also as an encounter that takes place in praxis - action-reflection, in engagement, in commitment to the social transformation. And from there, to conceive dialogue as a strategy based on otherness as a foundation of justice and ethics or, in other words, as an ethical foundation, recognizing it as a fundamental principle of Philosophy itself, understood from the fraternal responsibility face to face, that is, the capacity for the realization of justice and fraternal humanity. Dialogue provides the encounter of the Same with the Other in which the Same is not reduced to the Other, to the sameness, but, on the contrary, listens to his speech, says his speech. There is no dialogue, however, if there is not a deep love for the world and for men. It is not possible to pronounce the world, which is an act of creation and recreation, if there is no love that infuses it, asserts Freire. Being the foundation of dialogue, love for the Other is dialogue with oneself, with the other and with the world.

KEYWORDS: Dialogue; Face; Ethics.



1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema foi motivada por diversos aspectos, como as leituras recorrentes sobre a importância do diálogo, as constantes reflexões oriundas da experiência dos autores no campo da educação com temas recorrentes às questões éticas, ao campo da filosofia de modo geral e da antropologia filosófica, culminando com a questão essencial da atividade humana, o diálogo entre saberes envolvendo pessoas de diversas áreas de formação.

Percebe-se certa insistência por parte dos alunos, a qual, ao que parece, está imbuída de uma necessidade extrema de discorrer a respeito do diálogo, assunto primordial e de primeira instância, mas ainda problemático, pois, de certa maneira, todos têm clareza da importância do diálogo, mas os alunos esperam muito mais quando se toca nessa questão, ou seja, que é fundamental ir além de uma concepção de diálogo. Por isso, é necessário articulá-la com uma concepção ética, educativa, capaz de contribuir para a vida cotidiana de pessoas e grupos para uma autoconstrução e transformação social; porque não basta uma tomada de consciência a respeito da importância do diálogo, mas também a conscientização de que é fundamental não trabalhar na superficialidade, uma vez que não é qualquer conversa que se constitui como diálogo. E somente aquele que adota um olhar de inquietude, admiração e espanto perante o mundo que nos cerca, no sentido aristotélico, poderá sentir a necessidade de dialogar, de trocar, de ponderar e aprofundar saberes que são relevantes para a sobrevivência e convivialidade da humanidade, principalmente, em termos de educação.

O diálogo pode ser considerado uma utopia que pode se concretizar ou, em outras palavras, o diálogo nos permite experimentar algum traço da possibilidade do domínio da autoevidência e do que, hoje, chamamos de realidade.



O diálogo pode mostrar uma visão da utopia do possível, uma visão da transcendência que não pode ser considerada apenas uma ideia reguladora, que, no sentido de Levinas, é uma possibilidade concreta oferecida pela alteridade do Outro. Como se constata, por exemplo, no diálogo socrático, é impossível separar o amor à verdade ou o amor ao parceiro do diálogo. A responsabilidade moral, a verdade e a responsabilidade pelas outras pessoas são inseparáveis. O diálogo intenta transportar os sujeitos para além da dimensão vigente da autoevidência em direção a novos horizontes e novas possibilidades mais humanas (ZELEY, *et al.*, 2008).

Nesse contexto, parece-nos fundamental recuperar a educação como diálogo de sujeitos. Uma dimensão que está se perdendo ao reduzir a educação ao adestramento e treinamento de pessoas.

Por isso, compreende-se que a Educação para Paulo Freire não é apenas um método ou uma tática, ou ainda, uma didática, mas, seguramente, um diálogo entre pessoas. Freire sempre foi contra qualquer método no sentido tecnicista. Quando falava em diálogo não pensava em uma tática para "levar" a educação aonde acharmos que ela deve ir. Ao contrário, a educação como diálogo entre sujeitos é a síntese do processo educativo. Todo ato educativo é, antes de tudo, um diálogo entre sujeitos: agentes que têm sua história, trajetória, cultura e valores. Na cultura política e social do Brasil, o povo nunca foi reconhecido como sujeito de sua própria história, mas como objeto de intervenções educativas (ARROYO, 2001, p. 1).

A preferência por trabalhar o diálogo em Paulo Freire e Lévinas advém da necessidade de ele ser como uma praxeologia e não como uma troca linguístico-intersubjetiva, e que se justifica a partir do momento em que permite ao homem buscar, através dele – diálogo – colocar-se a serviço da justiça na relação com o outro, fundamentando, assim, uma práxis social voltada para a superação da exploração econômica, da dominação pedagógica, da dominação política, da discriminação racial e de tantas outras formas de opressão e de mutilação do outro e de sua subjetividade.



De posse dessa reflexão, busca-se uma aproximação, pelo diálogo, das concepções sobre ética e diálogo em Paulo Freire e Emmanuel Lévinas a fim de compreendê-las no âmbito educacional. Tem-se, então, na perspectiva do diálogo, um encontro que se realiza na práxis e assegura uma estratégia de responsabilidade e respeito ao outro.

Discute-se a respeito da potência do diálogo entre Paulo Freire e Emmanuel Lévinas a partir de referências teóricas publicadas em obras dos dois autores, a fim de conhecermos e analisarmos as contribuições culturais e científicas relativas ao tema sugerido neste artigo.

2 O DIÁLOGO EM PAULO FREIRE

Paulo Freire concebe o diálogo como um elemento que vai além de um encontro de dois sujeitos que buscam o significado das coisas – o saber. O diálogo é um elemento que se constitui como um encontro que se realiza na *práxis* - ação + reflexão -, ou seja, trata-se de algo que se realiza mediante um engajamento, um compromisso com a transformação de si e do social. Dialogar não é trocar ideias, pois apenas trocar ideias não garante uma ação transformadora, porque isso pode cair num puro verbalismo. Em Paulo Freire, o diálogo tem uma conotação emancipadora e política.

Para Paulo Freire (2005, p. 16), o diálogo fenomeniza e historiciza a intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes “admiram” um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se. O diálogo não é um produto histórico, é a própria historização. É movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence, intencionalmente, as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma.



O diálogo em Freire é um encontro de seres humanos, mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Para haver um diálogo enquanto fenômeno humano revela-se algo que já se pode dizer ser ele mesmo: a palavra. A palavra instaura o mundo do homem; a palavra, quando se trata de comportamento humano, revela o significante do mundo, não designa apenas as coisas, transforma-as; não é só pensamento, é “práxis”. Assim considerada, a semântica da existência é a palavra viva que planifica-se no trabalho.

Parece fundamental expressar-se para revelar o mundo a fim de comunicar-se com o mundo revelado. A partir da intersubjetividade originária, poderíamos dizer que a palavra é essencialmente o diálogo. A palavra abre a consciência do sujeito para o mundo comum das consciências mediante o diálogo. Por isso, a expressão do mundo consubstancia-se na elaboração do mundo numa comunicação em colaboração.

Certamente por isso, o ser humano só se expressa convenientemente quando colabora com todos na construção de um mundo comum – só se humaniza no processo dialógico de humanização do mundo. A palavra como lugar do encontro e do reconhecimento das consciências também é lugar do reencontro e do reconhecimento de si mesmo e do outro. A palavra como lugar de encontro e reencontro só pode ser considerada quando é criadora para que possa, assim, romper com as coisas banais, que se tornam monólogos das consciências que perderam sua identidade, tornando-se isoladas, imersas na multidão anônima, submissas ao destino que lhes é imposto e incapazes de superar um projeto.

Para Paulo Freire (2005, p. 21), a alfabetização, é, portanto, toda pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer sua palavra. Nesse contexto, o autor entende que a palavra humana imita a palavra divina justamente porque é criadora.

Na concepção de Paulo Freire (2005, p. 21), a palavra é entendida como ação; não é o termo que assinala arbitrariamente um pensamento que, por sua vez, discorre separado da existência. É significação produzida pela práxis, palavra cuja



discursividade flui da historicidade – palavra viva e dinâmica, não uma categoria inerte, exânime. Palavra que diz e transforma o mundo!

A palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração. O diálogo autêntico – reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum. Não há consciências vazias; por isso, os homens não se humanizam, senão humanizando o mundo (FREIRE, 2005, p. 21).

Para Freire (2005, p. 89), quando tentamos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, algo se revela e podemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos. Essa busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões: ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical, que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas se resente, imediatamente da outra. Para Paulo Freire, não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí, pode-se dizer que a palavra verdadeira transforma o mundo.

Numa perspectiva educacional, o diálogo é um conceito-chave e uma prática essencial na concepção freireana. Gadotti (1996) comenta a respeito do diálogo em Paulo Freire:

Para pôr o diálogo em prática, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber, deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem perdido, fora da realidade, mas alguém que tem toda uma experiência de vida e por isso também é portador de um saber (GADOTTI, 1996, p. 86).

Do exposto, conclui-se que, para Freire, o diálogo não é apenas um método, mas uma estratégia para respeitar o saber do aluno que chega à escola



3 DIÁLOGO E PAZ EM LÉVINAS

Na busca de elementos constitutivos para o diálogo em Emmanuel Lévinas, evidenciamos o relacionamento face a face em que dois seres humanos, ao se encontrarem, impõem uma dimensão ética do respeito pela alteridade.

A partir desse acordo pela palavra, o outro se manifesta como sendo, de fato, um outro e julga o mundo como sendo um outro do mesmo, do eu. A proximidade que se estabelece entre o eu e o outro exige atenção na escuta da palavra do outro e na disposição de ouvir com sabedoria e paridade. A linguagem, entretanto, não é espaço para o conhecimento do outro, mas espaço de encontro e reencontro do Eu com o Outro, historicamente situado como encontro de dois mundos.

Segundo Melo (2003, p. 104), a revelação do outro para Lévinas é descrita, à primeira vista, como palavra contrastando com a visão. Não existe relação com o outro sem linguagem. Enquanto o mundo é olhar e abertura ao infinito do outro, a palavra rompe o silêncio desse e põe-me completamente à frente do outro. A palavra revela, é revelante e reveladora de si e do outro.

Em Lévinas (1988, p. 43-44), a manifestação do rosto é originalmente discurso. Tradicionalmente, a manifestação do rosto é analisada a partir do sistema de adequação entre o significante e o signo. Em tal sistema, a palavra é mediação que abre a perspectiva da comunicação, mas é confundida com a própria significação do fenômeno. A palavra faz parte, portanto, de um mecanismo da relação entre o sujeito e um certo fenômeno, entre a significação e uma certa manifestação que é dada à consciência do sujeito.

Lévinas propõe outro ponto de partida, refuta o esquema de adequação mecanicista ou fenomenista, tornando a palavra parte do evento originário, linguagem, parte do evento da transcendência do rosto, da identidade. A palavra se faz carne e assume uma função concreta: é expressão que pode revelar e, ao mesmo



tempo, ser revelada, é parte do evento humano que se revela sem mediações refutando qualquer tipo de correlação.

Para Melo (2003, p. 105), em Lévinas, a epifania do rosto é, de certa forma, uma fisionomia, aquilo que originariamente remete à linguagem e à impossibilidade de uma abordagem do outro sem ser pela palavra.

Porém, nesse ínterim, existe uma particularidade importante: na relação originária entre o Eu e o Outro, não há reversibilidade, pois o espaço entre os dois é assimétrico. A assimetria anuncia a impossibilidade de um sujeito da objetivação. Assim, o rosto jamais oferece a si mesmo como um objeto. A correlação não seria algo que responderia à questão da transcendência da palavra é, portanto, daquilo que ela revela e do que ela pode significar. O evento da alteridade equivale, pois, ao evento da alteridade na entidade do rosto falante. Para Lévinas, isso quer dizer que a significação da revelação do rosto se realiza no interior dessa significação, na qual eu sou eu mesmo investido como sujeito falante. Falar é ser interpelado pela palavra, ou receber a possibilidade de falar, o que Lévinas chama de ensinamento, no qual a linguagem não é inata, mas é algo que tem a ver com a imediatidade de uma situação face a face (LÉVINAS, 1988, p. 43).

A palavra é, por sua vez, escuta e resposta, é algo que se pode receber e ofertar. Meu rosto me exprime e possibilita que eu possa responder a um outro. Tal expressão do rosto é anterior à consciência tematizada: eu sou imediatamente interpelado pelo outro que me fala. Nesse sentido, afirma Lévinas que se sou um ser afetado, sob um fundo de palavra, significa que sou uma ressonância do desejo. A palavra se anuncia, então, como relação com o outro, como relação irreversível. Nisso, residiria o evento originário da palavra, da linguagem e, por conseguinte, da comunicação (LÉVINAS, 1988, p. 43-44).

Para Lévinas (1976, p. 59), a palavra se anuncia como relação com o outro, como relação irreversível. Nisso, residiria o evento originário da palavra, da linguagem



e, por conseguinte, da comunicação.

À linguagem rica de significados, pode-se chamar de uma linguagem acabada quando é possível dizer algo sem ser dito. Lévinas apresenta a situação face a face (ou melhor, a aparição do outro) como puro dizer, sem ser dito, sem ser tematizado. A palavra, para Lévinas (1988, p. 84), é a origem de toda significação – dos instrumentos de todas as obras humanas – porque, por meio dela, o sistema de reenvios a que se reduz toda significação recebe o princípio do seu fundamento, a sua chave. A linguagem é uma modalidade do simbolismo. Contudo, todo simbolismo se refere a uma dada linguagem.

Nesse sentido, Lévinas afirma que “a linguagem é o ato do homem racional que renuncia à violência para entrar em relação ao outro” (LÉVINAS, 1990, p. 21). Com isso, o autor quer dizer que o exercício do diálogo é o próprio acontecer da paz.

A situação de Ensino, descrita fenomenologicamente por Lévinas, pressupõe o face a face da linguagem, isto é, a relação em que o Mesmo acolhe o Outro, sem que este último abdique de sua Alteridade ou de sua condição de ser único. Em suma, nenhum sistema teórico-conceitual ou regime sociopolítico podem abarcar e neutralizar, de modo fechado, essa relação. Ao contrário, é graças à situação de Ensino que se chega ao significado ético-crítico do saber e da teoria. Portanto, o Ensino supõe uma distância, uma impossibilidade de objetificação e de domínio do Outro pelo Mesmo (ALVES; GIGGI, 2012).

A responsabilidade, em Lévinas, compõe a subjetividade, mas não se trata de mais uma subjetividade constituída unicamente pelo domínio ontológico. Essa perspectiva se dá e pode ser sentida na relação ética com outrem. É diante da alteridade, da exterioridade e do outrem, que a subjetividade vai assumindo sua dimensão de responsabilidade profunda. A responsabilidade é a base da própria passividade/atividade da subjetividade; é consciência do outro e uma completa receptividade para que o Outro possa ser completamente outro, “sou chamado a uma



responsabilidade jamais inscrita no rosto do Outrem. Não há nada mais passivo que este estar em causa anterior a toda liberdade" (LÉVINAS, 2005, p. 91).

Nesse contexto, pode-se afirmar que também na obra de Paulo Freire existe uma preocupação com o Outro, com os oprimidos do mundo em inúmeras ações que o autor realizou nos discursos, debates acadêmicos e em suas obras. Freire foi fundamental ao dialogar sobre a conduta do diálogo, assinalando a importância da cultura do outro, do pensar, do fazer, da troca que há em todo o espaço social, especialmente, na sala de aula, entre educadores(as) e educandos(as). Gadotti (1996, p. 92) ressalta, com bastante propriedade, que Paulo Freire destacava a importância de a cultura do aluno estar sempre presente na ação pedagógica, no ato educativo.

No campo da responsabilidade, Gadotti confirma (1996, p. 90) a importância que Freire atribuía ao fato de os educandos desenvolverem sua própria responsabilidade. Todos, eles e elas, são percebidos enquanto sujeitos de sua própria aprendizagem, autoavaliação e crescimento. Na obra, *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*, Freire (2001) demonstra sua responsabilidade ao escrever:

O meu sonho de mundo é o sonho em que não há 33 milhões de brasileiros morrendo de fome... E os cientistas políticos dizendo que a 'realidade é essa mesma'... Não, a realidade não é essa mesma. A realidade está sendo assim porque interessa a determinadas minorias do poder que ela continue assim (2001, p. 181).

4 APROXIMAÇÕES ENTRE FREIRE E LÉVINAS - O DIÁLOGO E A PALAVRA EM CENA

Imaginemos um teatro, uma peça, um espetáculo, uma companhia teatral e os atores que se apresentam, mas que não se relacionam com nada do que está acontecendo no palco; eles não se olham, não dialogam antes das cenas



acontecerem, as cenas que chamamos de jogos. E por mais que existam ensaios antes da estreia do espetáculo, naquele momento, no palco, é fundamental o jogo, assim como, a verdade, a entrega, a confiança no outro, a reciprocidade, para que possa surgir junto outra etapa do jogo que envolva o olhar e a sensibilidade de escuta e compreensão da plateia.

Agora, imaginemos um monólogo, um ator em cena, um personagem e suas motivações ou desmotivações, suas tristezas, conquistas, amores e desamores, suas lutas e derrotas, suas questões mais íntimas, suas subjetividades e o outro que o escuta - a plateia - sem nenhuma a relação entre ambos, ator (personagem) e plateia. Todos ofuscados pelos holofotes do teatro, pela pura técnica do ator, pela falta de relação de entrega, de confiança, falta do jogo, de troca de emoções, do dar/receber, da intencionalidade e da relação, porque, se a existência da plateia é apenas ouvir, não há jogo, não há brincadeira, não há relação, emoção, catarse, reflexão. Nada, então, possibilita uma horizontalidade das relações, nada permite a possibilidade de se ver na máscara do outro; seja ele ator/plateia, nada o faz compreender, refletir.

É preciso o outro, pois a relação construída a todo momento depende de uma prática, de um exercício constante, visto que, durante um espetáculo, o ator, ao jogar e se relacionar com a plateia saber o que ela quer porque a conhece mesmo que ela mude a cada espetáculo que nunca se repetirá, ou seja, um espetáculo nunca será igual ao anterior?

Destaca-se nessa ideia de jogo teatral uma metáfora entre o teatro e a vida, uma arte que é o aqui e o agora, uma arte que, por mais que uma obra seja reproduzida, ela sempre será inédita, pois a vida está presente, a coletividade. Alguém já disse que a arte imita a vida, por isso, é pertinente pensar que a vida é o verdadeiro fazer e experimentar da arte.

Há na relação teatro e educação autores que dialogam no cotidiano, nas relações sociais, na atuação do sujeito e, principalmente, na capacidade de



transformação quando se há reconhecimento de si e do outro, do mundo e no mundo. Augusto Boal (1991, p. 137) fundou o teatro do oprimido, inspirado em Paulo Freire. Seu teatro reflexivo conta com ação e participação do Outro – plateia – porque o autor compreende o jogo teatral e a capacidade da arte de unir e fazer pensar. Para além de sua metodologia, Boal coloca ator e plateia juntos, interagindo seja mediante gestos, olhares, risos, lágrimas.

Boal coloca em evidência as mazelas e injustiças, as desigualdades, as indiferenças que estão no cenário da sociedade, “oprimidos e opressores”, relações que não se conhecem, não se reconhecem, relações baseadas apenas no jogo do poder, faltando pensar e refletir se o ser se conhece por inteiro e se reconhece no mundo, pensando no que é realmente a ética, no poder de voltar-se em muitos pontos da história em que o sujeito é injustiçado por “raça”, credo, classe social. Por isso, distorce-se a relação com o outro, baseada apenas no julgamento de um alguém que se sente um ser superior ao outro, alguém que se credita o mérito de ser mais evoluído que o outro, deixando que todo tipo de discriminação possa ser uma afirmação de plena superioridade, uma cegueira ou incapacidade de ver a si e não o outro.

Em qualquer papel que desempenharmos, saber ser protagonista é fundamental, mas compreender que o outro também é protagonista e que, juntos, constroem as cenas, visto que um traz sua história enquanto o outro escuta e interage. Essa forma se vê e se aprende junto, na troca, na interação humana. Assim, o outro também terá sua vez e, portanto, a troca e o movimento.

Nessa metáfora do palco, evidenciamos o eu em cena, o ator em cena, o agente de mudança encenando sua própria história, e o Eu e o Outro vão se constituindo no decorrer do enredo quando se encontram. Por isso, é fundamentalmente pelo outro e com o outro que a história se tece, se transforma e se renova continuamente.



5 ENCONTRO ENTRE "ATORES": PAULO FREIRE E LÉVINAS

Autores e atores de uma história social, política e educacional, Freire e Lévinas, mesmo distantes, têm pensamentos que se aproximam e se complementam, permitindo-nos compreender que o sujeito de atuação e ação no mundo se dá com o outro, interlocutores que dialogam e promovem ação/reflexão para uma ação transformadora. Se para Lévinas a ética precisa do outro, e antes disso, da sensibilidade em ver o outro, isso não significa responsabilizar o outro, mas sentir-se responsável pelo outro. Nesse contexto, a práxis educativa, na ação do educar, em Paulo Freire, é, na maioria das vezes, corporificada, na sua ação diária e constante, o que ele chama de ética e diálogo, elementos que possibilitam um encontro com as diversidades, ou seja:

O eu dialógico sabe que é exatamente o tu que o constitui. Sabe também que, constituído por um tu – um não-eu –, esse tu que o constitui se constitui, por sua vez, como eu, ao ter no seu eu um tu. Desta forma, o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois tu que se fazem dois eu (FREIRE, 1987, p. 34).

É fundamental ter-se capacidade para ver o outro no seu processo e permitir-se aprender e apreender também no processo de aprendizagem com o outro, num diálogo horizontal, que permite um consenso, uma pedagogia que convida a pensar na urgência do fazer, da participação e da pluralidade.

O diálogo é este encontro dos homens mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. [...] Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir em seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se em um ato de depositar ideias de um sujeito ao outro[...] (FREIRE, 1987, p. 45).

Há uma situação social, política, educacional concreta, que arraigou uma



diferença social estabelecida nos discursos, nas narrativas impostas ou de verdades únicas nas relações de poder, nas ações, nos espaços, nas relações educativas. Freire parte do pressuposto da amorosidade, do esperar e do horizontalizar das suas relações e é por meio desse ideal que o convite ao diálogo estreita caminhos entre o eu e o outro, que faz o encontro entre a sensibilidade e a pluralidade, a compreensão, a escuta ao outro, seus saberes, questionamentos, indagações, responsabilidade. O “ser mais” para Freire chama para o saber responsabilizar-se no mundo e com o mundo, no processo educativo em humanizar e se humanizar. Como Freire compreende o sujeito pelo educar, pela criticidade e por essa prática humanizadora, de visão crítica e leitura de mundo, sabe que o aprender e apreender não é um processo solitário e, sim, um conjunto e só existe na troca e na entrega. Contudo, nos apresenta o termo “ser mais”, um trabalho conjunto, não só do diálogo, mas costurado por ele considerando a promoção das potencialidades dos sujeitos que se educam no processo de troca. Freire, em uma das suas falas, amplia o olhar para compreender que não é a educação que muda o mundo, mas as pessoas educadas e críticas é que mudam o mundo. É nesse processo de mudança constante que o eu e o outro se constituem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em muitos pontos, os dois autores dialogam e se encontram, Freire ressalta o conhecimento do mundo, Lévinas traz a questão da ética que requer responsabilidade. É importante conhecer primeiro a si mesmo, seus valores e princípios.

Perguntamo-nos: como é possível conhecer o outro quando não nos conhecemos? No processo de desenvolvimento do sujeito, na luta para conhecer o outro, nos desvelando a nós mesmos e na luta por nos conhecer, vamos, aos poucos, desvelando o outro.

Parece-nos fundamental observar que o ser humano tem a necessidade,



desde o nascimento, de ser cuidado, porque é pelo cuidado que cultivamos princípios, valores, histórias; educa-se e conserva-se a história, o respeito ao outro; cuida-se do dialogar com os pares, seja na comunidade, na escola ou na família; cuida-se do outro, respeita-se a entrega de si e do outro, dos saberes, da partilha dos anseios e da capacidade do acolhimento mútuo.

Os dois autores atores tecem, para além do texto e da reflexão, um mover-se, uma ação urgente em todos os meios em que o sujeito transita a fim de que ambos sejam guiados pela filosofia e pela educação, construindo-se uma urdidura, colocando em jogo, em cena, o ser/estar/agir, consciente de que é preciso o outro para ser "ser mais" e ser o outro de si mesmo.

O diálogo nessa tessitura e dentro desse contexto será sempre uma constante busca dos humanos por ser mais, posto que o humano é inacabado, inconcluso. A busca por ser mais humano não pode se dar numa conquista individualista, porque a realização da humanidade humana, ao que parece para os autores, só pode acontecer mediante o dialógico que provoca o ser mais.

A responsabilidade não é uma decisão livre, mas uma exigência metafísica. O sentido humano não está no ser, mas naquilo que constitui a relação com a alteridade inobjetével, pois eu sou único enquanto sou responsável pelo outro.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. A.; GHIGGI, G. Pedagogia da alteridade: o ensino como condição ético-crítica do saber em Lévinas. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 119, p. 577-591, abr./jun. 2012 Disponível em: www.cedes.unicamp.br. Acesso em: 20 nov. 2021.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 6. ed. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2005a.



FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005b.

GADOTTI, M. (ORG.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1996.

GADOTTI; Moacir. **Paulo Freire: Uma Bibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996.

LÉVINAS, E. **Difficile Liberté**. Paris: Le Livre Du Poche, 1990.

LÉVINAS, E. **Totalidade e Infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

MELO, N. V. **A Ética da Alteridade em Emmanuel Lévinas**. Porto Alegre: EPIPUCRS, 2003.

SUSIN, L. C. **Éticas em diálogo: Lévinas e o pensamento contemporâneo: questões e interfaces**. Porto Alegre: EPIPUCRS, 2003.

ZELEY I. G. *at el.* **Reflexo, Reflexão e Contra-Educação**. São Paulo. 2008.
Disponível em: <http://www.pedagogia.pro.br/reflexao.htm>. Acesso em: 26 fev. 2008.

Recebido em: 20-10-2022

Aceito em: 15-12-2022

